

Cotrim delira e decide

Márcio Cotrim toma posse novamente na pasta da ^{DF}Cultura e promete mundos e fundos no DF

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O carioca Márcio Cotrim, 52 anos, toma posse, hoje, no cargo de secretário de Cultura e Esportes do DF. Depois de um período de oito meses no mesmo posto, quando conseguiu pacificar a comunidade cultural e recolocar Brasília no circuito dos grandes espetáculos, ele volta para desafio maior: uma gestão de quatro anos.

Se nos primeiros oito meses todos entenderam que ele estava "trocando o pneu com o carro em movimento", agora, o panorama é diferente. Cotrim terá que estabelecer prioridades e substituir a concepção de "evento atrás de evento" por um projeto bem conceituado.

Sua fama de delirante — ele abraça qualquer ideia que lhe passe pela cabeça ou chegue ao ouvido — terá que ser domada. Afinal, o governador Joaquim Roriz promete fazer pela cultura tudo que não pôde fazer durante seu mandato-tampão de 18 meses (ele assistiu com aparente indiferença à briga pública da secretária Laís Aderne com o diretor da Fundação Cultural, Marios Nobre).

Em entrevista exclusiva ao **Cartão 2**, Márcio Cotrim fala dos temas e projetos que vão ocupá-lo nos próximos quatro anos.

— **Comenta-se que sua equipe será definida pelo Palácio do Buriti, à sua revelia.**

— Isto não é verdade. O governador Roriz deixou claro em longa entrevista à TV, que só a partir de amanhã vai montar, com seus secretários, o segundo e terceiro escalões. O governador, que é um político experiente, sabe que uma equipe hegemônica funciona bem melhor. Tenho certeza que vamos repetir aqui o efeito cinérgico que marcou nossa administração nestes oito meses.

— **O que lhe garante que o governador e alguns de seus auxiliares já não tenham escolhido seus principais assessores, inclusive o titular da Fundação Cultural?**

— A confiança que ele depositou em mim, ao me convidar para continuar no cargo.

— **Dos nomes que estão nas conversas de bastidores (Luiza Dornas, Sônia Moura e Moacir Oliveira), qual lhe agrada mais? Qual deles gostaria de ver como titular da FDCDF?**

— Os três são excelentes, altamente qualificados para o posto. Qualquer um deles me agradará em cheio e manterá a sintonia que marcou estes oito primeiros meses de trabalho na SCE.

— **Que nomes irão auxiliá-lo nas tarefas cotidianas? Que remanejamentos você pretende fazer em sua equipe?**

— Tudo será feito depois que mantiver, com o governador Roriz, a conversa marcada para amanhã. Há alguns nomes que já estão conosco e serão reaproveitados. Este é o caso de Mitie Miki (para Assessoria Especial), Regina Motta (Assessoria de Marketing), Nilcéia D'Orazio (Assessoria de Planejamento), Guilherme Araújo (Assessoria Jurídica) e Giovana Bianchetti. Estamos contando alguns nomes de fora, que virão para enriquecer nossa equipe: Bárbara Serejo, Moacir de Oliveira, Marco Antônio Guimarães e Nelson Alves, para a área de Comunicação Social. Eles trabalharão em perfeita sintonia com o secretário Fernando Lemos. A assessoria de Comunicação Social se dividirá em três áreas: Publicidade, sob o comando de Moacir de Oliveira; Imprensa, com Bárbara Serejo, e Relações Públicas, Nelson Alves. O Marco Guimarães atuará com este grupo. O Antônio Clementin vai atuar na área de Intercâmbio e Integração Cultural.

— **E as DDLTs (Diretorias de Desporto, Lazer e Turismo) das satélites, vão ganhar o "C" da Cultura?**

— Nossa ideia é buscar, nos quadros do GDF, pessoas que conheçam, em profundidade, a situação



Operários retocam a pirâmide do Teatro Nacional, o centro da produção e da vida cultural em Brasília. Dias melhores virão?

cultural das satélites. De posse dos nomes, vamos montar lista triplice e submetê-la à apreciação do governador Roriz. Aí sim, cada satélite terá um representante da Secretaria de Cultura e Esportes na estrutura das Administrações Regionais.

— **Como você trabalhará com o Conselho de Cultura e o Conselho Deliberativo?**

— Com a mesma franqueza e respeito que marcaram estes oito meses. Estes órgãos colegiados são fundamentais numa administração democrática e transparente. Vamos, inclusive, contar com o Conselho de Programação do Cine Brasília, outro organismo comunitário.

— **Uma de suas últimas ideias prevê a criação de assessorias da Secretaria de Cultura em Nova Iorque, Tóquio, etc. Isto é mais um de seus delírios?**

— Não, de forma alguma. Isto é algo viável e simples. Vou submeter esta ideia ao Conselho Deliberativo. Se ele aprovar, escolheremos pessoas que vivam nos EUA, Japão, Paris ou Londres para nos assessorarem. Estas pessoas não receberão salários, mas sim percentagens sobre as produções que trouxerem a Brasília ou levarem ao exterior. Ou seja, se nosso assessor norte-americano nos trouxer a Filarmônica de Nova Iorque e levar a Sinfônica do Teatro Nacional aos EUA, terá participação nos lucros destas atividades.

— **Mas as Embaixadas já fazem, e bem, este trabalho.**

— Não queremos substituí-las, de forma alguma. Vamos aprofundar nossa parceria com as representações diplomáticas. O assessor só reforçará este intercâmbio. Além do mais, pretendemos sensibilizar organismos como a Fundação Gulbenkian, de Lisboa; a Ford e Rockefeller, dos EUA; a Unesco, a OEA, enfim, todos os organismos capazes de nos ajudar.

— **O fim do patrocínio (via Programa Ouro) do Banco do Brasil prejudicará o futuro da Sinfônica do Teatro Nacional?**

— Não. O Banco do Brasil é livre para patrocinar a orquestra que lhe convier. Ele patrocinou a nossa e, recentemente, quatro concertos da Sinfônica Brasileira. Isto não quer dizer

que não volte a patrocinar a sinfônica brasileira. Para nós, a Orquestra se compõe com três divisões, como o futebol: uma *mirim* (dente de leite), com a Escola de Novos Talentos; uma *júnior*, com a Orquestra Jovem, e uma *seniors*, com a Orquestra Sinfônica propriamente dita. Vamos tentar dar a este projeto um acabamento o mais empresarial possível, ou seja, gravar discos, fitas, CDs, e vídeos com a Orquestra. Estes produtos serão vendidos em Brasília, e no Brasil inteiro. A Associação dos Amigos da Sinfônica — que está desmobilizada — cumprirá papel fundamental neste processo. Nas lojas Arte Capital (os quiosques) vamos vender camisetas, bonés, chaveiros, tudo com a logomarca da Orquestra.

— **Você prometeu dezenas de quiosques e só concretizou um, o do ParkShopping. O que houve?**

— Faltou pessoal qualificado para esta tarefa. Nossos funcionários são poucos e não tivemos mão-de-obra para dinamizar todas as lojas. Es-

tamos pensando, agora, em contratar empresa prestadora de serviços para atuar nos quiosques *Arte Capital*. Vamos construir, o mais rápido possível, o do Alameda Shopping; o do Cine Brasília e o do Conjunto Nacional. Em cada satélite, dentro das Casas de Cultura, queremos uma lojinha para vender os produtos culturais brasileiros e ingressos de nossos espetáculos.

— **A ideia de se criar, na Sala Funarte, a Sala Cinemateca, sucursal da Sala Cinemateca de São Paulo, está de pé?**

— Claro. Este projeto nos foi apresentado pelo Carlos Augusto Calil e nos causou enorme entusiasmo. Acredito que dentro de três ou quatro meses, tudo estará pronto. Com a Sala Cinemateca, o Cine Brasília poderá cuidar mais de outro tipo de filme, aproveitando melhor suas excelentes condições e rendendo recursos para nossos cofres. Isto não quer dizer, de forma alguma, que vamos

baixar o nível de sua programação. Isto nunca.

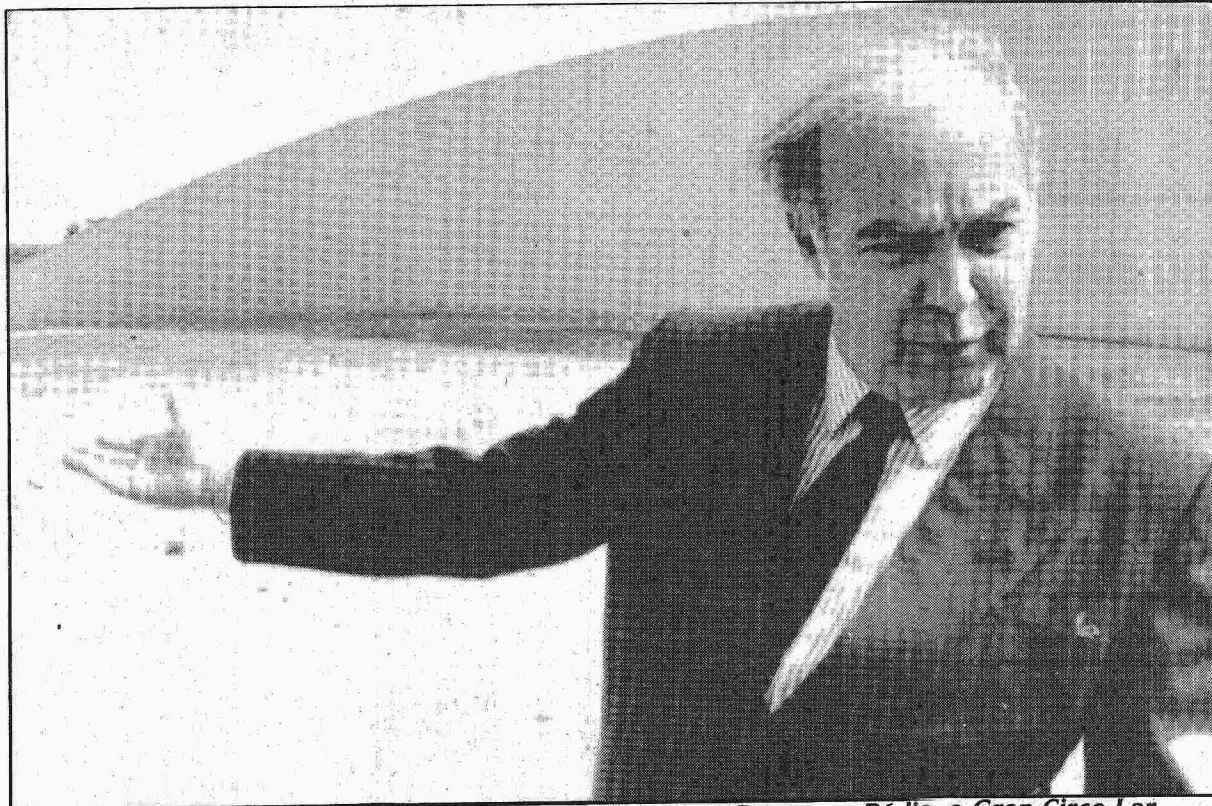
— **E o Clube do Choro, receberá apoio da Secretaria?**

— Claro, mesmo que ele pertença ao Detur. Como vamos trabalhar de forma integrada, não mediremos esforços para ver o Setor de Difusão Cultural vivificado. Vamos ativar a Sala Funarte, a Casa do Teatro Amador, o teatro de arena e o Bar dos Chorões, o Planetário, enfim, todos os equipamentos daquela área. Vamos iluminar aquele setor, de forma que ele faça jus ao nome e seja realmente um setor de difusão cultural.

— **E o Gran Circo Lar? A ideia de entregá-lo a particulares não permitirá que se repita a "privatização", hoje visível na Casa do Cantador, de Cellândia, e no Cine Itapoã, do Gama?**

— Não, de forma alguma. Vamos estabelecer convênios válidos por um ou dois anos, com cláusulas claras e bem definidas por nossa Assessoria Jurídica.

— **A Secretaria vai gastar Cr\$**



Cotrim promete salvar a Concha Acústica, a Orquestra, o Parque, a Rádio, o Gran Circo Lar...

1.600.000,00 na reforma do Circo. Não é muito dinheiro para um projeto provisório? Afinal, o projeto original de Brasília não prevê circo na Esplanada dos Ministérios.

— Ouvimos a comunidade circense de Brasília e ela foi unânime em defender a permanência do Gran Circo Lar no local onde se encontra. Como Brasília precisa de um espaço intermediário entre o Ginásio de Esportes e a Villa-Lobos, estamos entusiasmados com a recuperação do Gran Circo Lar. Sua reinauguração diminuirá a sobrecarga da Sala Villa-Lobos. Este é nosso espaço mais nobre, deve ser usado para espetáculos especiais. Vamos reativar o restaurante da cobertura do Teatro e os bares dos *foyers*, de forma que nosso público receba o melhor atendimento possível. Em breve lançaremos concorrência pública para interessados em explorar o restaurante, os bares e as bombonieres.

— **Em que situação se encontram os convênios da Casa do Cantador e do Cine Itapoã?**

— O da Casa do Cantador está caminhando para uma boa solução. Gonçalo Bezerra, da Fenacrepc, já mostra boa vontade na assinatura de um novo convênio, que dê direitos e deveres iguais às duas partes. E já aceita nossa proposta de se dar amplo uso à Casa. Já o caso do Cine Itapoã, continuará no centro de nossas atenções. Vamos negociar as modificações possíveis com o Cineclubes Porta Aberta.

— **Fala-se que a Secretaria de Cultura está deixando a Casa do Cantador de lado, para não criar conflito com um segmento do eleitorado de Roriz. Em troca, se dará término à Casa de Cultura, plantada em Cellândia Norte.**

— Não estamos nos omitindo. Estamos, isto sim, buscando soluções pacíficas e negociadas. O Paulo Alceu, administrador regional de Cellândia, e o deputado Benedito Domingos estão nos ajudando nesta tarefa. Quanto à Casa da Cultura de Cellândia, ela recebeu, da Câmara dos Deputados, aprovação de verba no valor de Cr\$ 100.000.000,00 para conclusão de suas obras.

— **O projeto do Pólo de Cinema se sustenta na crença de que os japoneses, via MOA, doarão equipamentos para o Centro Cultural da 508 Sul, sendo estes equipamentos encaminhados ao Pólo?**

— Não. Este é um projeto à parte. Temos promessa da MOA de doações em equipamentos de cinema e vídeo, que atenderão ao Centro Cultural da 508 Sul. Se eles puderem nos ajudar no Pólo de Cinema, ficaremos muito satisfeitos. Mas vamos pedir equipamentos também à Receita Federal.

— **Você foi muito elogiado nestes oito primeiros meses. Será que vai repetir a mesma performance nos próximos 48 meses?**

— Costumo dizer que este primeiro período foi um *trailer*. Agora, virá o longa-metragem. O que posso adiantar é que dispomos de excelente ficha técnica para desempenharmos bem nossa produção. O Conselho de Cultura atuará na conceitualização do processo cultural e o Conselho Deliberativo na operacionalização dos eventos. Com paixão e muito trabalho, vamos colocar Brasília no circuito nacional e internacional.

— **O Seminário de Cultura, programado para janeiro, vai difundir esta nova consciência?**

— O seminário ficará para fevereiro. Em janeiro, vamos promover, com apoio da UnB, através do Decanato de Extensão e do Conselho de Cultura, profunda reflexão em busca de subsídios para uma gestão democrática e transparente. Vamos ouvir lideranças das satélites e do Plano Piloto, e nos informar sobre experiências modernas desenvolvidas em outros estados. Enfim, nos preparar e nos subsidiar para um seminário dos mais proveitosos, em fevereiro.

□ Mais informações sobre a Secretaria de Cultura na Página 3